

«Os moralistas bem podem falar... mas... saí da escola para ir fazer uma guerra sangrenta com a qual nada tinha a ver. Metade do tempo morria de medo, e na outra metade aborrecia-me tanto que a única coisa que tinha a fazer era ir para a cama com qualquer rapariga bonita. Voltei depois para a vida civil e fui vender máquinas que também me não interessavam, andava vinte quilómetros a pé todos os dias, e tinha de aturar velhas gordas que me batiam com a porta na cara.»

IN: HOGGART, Richard. As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. (v.2).

#### CAPÍTULO X

### MOLAS DESLASSADAS: UMA NOTA SOBRE OS DESENRAIZADOS E OS ANSIOSOS

«Escreve, por favor, a história de um rapaz, filho de um servo, que foi margano, menino de coro, aluno de uma escola secundária, que se formou na universidade, que foi educado no respeito dos superiores e habituado a beijar a mão dos eclesiásticos, a inclinar-se perante as ideias das outras pessoas, a agradecer todas as migalhas que lhe dessem, que foi muitas vezes espancado, que teve de andar de casa em casa sem galochas a dar explicações, que brigou, tornou-se rico, gostava de jantar em casa dos parentes ricos, que era hipócrita perante Deus e perante os homens, sem qualquer necessidade, mas apenas porque tinha consciência da sua própria insignificância — e conta como é que esse rapaz deixou a pouco e pouco de ser um escravo, e como, certa manhã ao acordar, se deu conta de que nas suas veias corria não mais o sangue de um escravo, mas sim o de um homem autêntico.»

(Tchekov)

«Mas lembra-te da educação que teve, da época em que viveu», observou Arkady. «Educação?» interrompeu Bazarov. «Todos os homens têm de educar-se

a si mesmos, como eu o fiz, por exemplo... E quanto à época, porque é que hei-de depender da época? Ela é que depende de mim. Não, meu caro amigo, aquilo é tudo mediocridade e falta de carácter!»

(*Turguéniev*)

#### A. O BOLSEIRO

«Pela parte que me toca, tenho muita pena dele. Deve ser uma triste sorte receber instrução superior e não poder gozá-la; assistir ao grande espectáculo da vida sem nunca se conseguir libertar de uma parte esfomeada e gelada do próprio ser.»

(*George Eliot*)

Este capítulo pôs-me grandes dificuldades, mas não pude por isso renunciar a escrevê-lo. Tal como o fiz noutros capítulos, tentarei isolar um feixe de tendências relacionadas entre si: os perigos desse método tornam-se porém aqui particularmente accentuados. Nos três capítulos precedentes procedi à análise de atitudes que, sob certos aspectos, podem ser consideradas como uma espécie de equilíbrio. As pessoas mais afectadas pelas atitudes que agora passo a analisar — os «ansiosos» e os «desenraizados» — caracterizam-se porém antes de mais nada pela falta de equilíbrio, pela incerteza. Sentem-se superiores à ideia que os outros da sua classe fazem de si mesmos, o que não contribui para os tornar mais felizes; são profundamente afectados pelo cinismo generalizado, que os leva a duvidar da validade de todos os objectivos, e não pela outra reacção possível, que seria a de tentarem aproveitar-se desse estado de coisas ou caírem numa complacência ainda maior.

Experimentam uma sensação de perda de alguma coisa importante, sensação que afecta um certo número de pessoas de todas as classes. Essa sensação de perda accentua-se ainda no caso das pessoas a quem me refiro, devido ao facto de estarem emocionalmente desenraizadas da sua classe, de serem geralmente dotadas de uma maior imaginação ou capacidade crítica, qualidades que contribuem para que tenham uma consciência mais clara da sua situação (e que levam o simpatizante a dramatizar com facilidade a sua «*Angst*»). Esses indivíduos foram por vezes desenraizados fisicamente da sua classe através do sistema de atribuição de bolsas de estudo. Sou de opinião que são muitas as pessoas nesta situação, se bem que só muito poucos tenham sido drasticamente afectados por ela; o grupo inclui, no limite extremo, alguns psicóticos; no outro extremo temos indivíduos que levam vidas aparentemente normais, mas que experimentam sempre um vago sentimento de mal-estar.

Será talvez conveniente começar por descrever a natureza do desenraizamento de que alguns bolseiros se sentem vítimas. Refiro-me àqueles que durante muitos anos têm a sensação de que se não integram em nenhum grupo. Todos sabemos que muitos desses indivíduos conseguem atingir um equilíbrio na sua nova situação. Há especialistas e técnicos desenraizados da sua classe que se integram perfeitamente num novo meio após terem obtido o seu doutoramento. Há indivíduos de muito valor que se tornam excelentes administradores ou funcionários públicos superiores, e que não têm dificuldade em adaptar-se ao ambiente em que passaram a viver. Há outros menos bem dotados que atingem também um equilíbrio que não implica passividade, ou falta de compreensão da sua situação, que estão à vontade no seu novo grupo sem por isso se sentirem obrigados a adoptar todas as características desse grupo, e

que mantêm por outro lado boas relações com os seus parentes das classes trabalhadoras, relações baseadas no respeito mútuo, e que não implicam qualquer atitude de superioridade ou paternalismo. Quase todos os bolsieiros atravessam durante a adolescência uma fase de reacção ao seu meio ambiente. Esses rapazes estão no ponto de convergência de duas culturas; o verdadeiro teste da sua educação faz-se aos vinte e cinco anos, quando tem de mostrar que é capaz de sorrir de frente para o pai e de respeitar os seus irmãos menos bem dotados. Analisarei em pormenor o caso daqueles para quem esse processo de desenraizamento foi mais difícil, não porque não concorde com as vantagens desse tipo de selecção ou porque pretenda acentuar as características mais desprimidas da vida contemporânea, mas antes porque os problemas de certas pessoas são particularmente elucidativos para a análise da evolução cultural. Tal como as plantas que são transplantadas, os desenraizados reagem mais rapidamente a uma seca generalizada do que os que permaneceram no seu solo original.

Creio que o problema da adaptação se põe de modo particularmente grave para os rapazes das classes trabalhadoras que tinham capacidades um pouco superiores à média dos seus contemporâneos da mesma classe, mas que não eram suficientemente bem dotados para ir muito mais longe. Não estou com isto a afirmar que haja uma relação directa entre a inteligência e o equilíbrio; os intelectuais também têm os seus problemas. Este tipo de ansiedade parece afectar no entanto de modo particularmente grave os membros das classes trabalhadoras que atingiram o estágio imediatamente superior ao da sua cultura original, mas que não são dotados de capacidades intelectuais que lhes permitam andar para a frente, integrando-se no grupo dos técnicos e dos especialistas «desenraizados». Em certo sentido, ninguém está «desenraizado» completamente, como o

podemos verificar se observarmos a insegurança que se manifesta por vezes (e com uma frequência cada vez maior, dado que encontramos hoje em dia em todas as áreas da sociedade ex-membros das classes trabalhadoras que subiram na vida) no comportamento do professor que pretende «afirmar-se», do quadro ou do político importante que revelam por momentos uma rudeza que trai as suas origens, do jornalista conhecido que trai a sua incerteza numa tendência para a vertigem.

Interessam-me porém principalmente as pessoas que se sentem inconscientemente pouco à vontade, e que sofrem portanto de incerteza, insatisfação e dúvida. Por vezes têm pouca força de vontade, apesar de serem inteligentes, e «é necessária muita força de vontade para atravessar este deserto». Outras vezes terão tanta força de vontade como a maioria das pessoas, o que não chega para resolver as tensões complexas criadas pelo seu desenraizamento, pelos problemas específicos do seu ambiente familiar e pelas incertezas da época.

À medida que transitam da infância para a adolescência e para a idade adulta, esses rapazes sentem-se cada vez mais isolados da vida quotidiana do seu grupo. Começam a sentir-se diferentes logo desde crianças; e não me refiro apenas à atitude dos professores da escola primária e dos membros das suas famílias que lhes repetem constantemente «é um rapaz esperto», num tom de orgulho e admiração. Esses rapazes são simultaneamente segregados pelos próprios pais e pelo talento de que são dotados, que os obriga a separarem-se do grupo. O tom em que os pais dizem a frase «é um rapaz esperto» não é porém exclusivamente admirativo; é esperto, e tem de aproveitar-se dessa esperteza; mas o carácter é mais importante. No entanto é esperto — motivo de orgulho, e simultaneamente fatalidade; tem de trocar aquele mundo por outro diferente, por um trabalho diferente.

que mantêm por outro lado boas relações com os seus parentes das classes trabalhadoras, relações baseadas no respeito mútuo, e que não implicam qualquer atitude de superioridade ou paternalismo. Quase todos os bolseiros atravessam durante a adolescência uma fase de reacção ao seu meio ambiente. Esses rapazes estão no ponto de convergência de duas culturas; o verdadeiro teste da sua educação faz-se aos vinte e cinco anos, quando tem de mostrar que é capaz de sorrir de frente para o pai e de respeitar os seus irmãos menos bem dotados. Analisarei em pormenor o caso daqueles para quem esse processo de desenraizamento foi mais difícil, não porque não concorde com as vantagens desse tipo de selecção ou porque pretenda accentuar as características mais deprimentes da vida contemporânea, mas antes porque os problemas de certas pessoas são particularmente elucidativos para a análise da evolução cultural. Tal como as plantas que são transplantadas, os desenraizados reagem mais rapidamente a uma seca generalizada do que os que permaneceram no seu solo original.

Creio que o problema da adaptação se põe de modo particularmente grave para os rapazes das classes trabalhadoras que tinham capacidades um pouco superiores à média dos seus contemporâneos da mesma classe, mas que não eram suficientemente bem dotados para ir muito mais longe. Não estou com isto a afirmar que haja uma relação directa entre a inteligência e o equilíbrio; os intelectuais também têm os seus problemas. Este tipo de ansiedade parece afectar no entanto de modo particularmente grave os membros das classes trabalhadoras que atingiram o estádio imediatamente superior à da sua cultura original, mas que não são dotados de capacidades intelectuais que lhes permitam andar para a frente, integrando-se no grupo dos técnicos e dos especialistas «desenraizados». Em certo sentido, ninguém está «desenraizado» completamente, como o

podemos verificar se observarmos a insegurança que se manifesta por vezes (e com uma frequência cada vez maior, dado que encontramos hoje em dia em todas as áreas da sociedade ex-membros das classes trabalhadoras que subiram na vida) no comportamento do professor que pretende «afirmar-se», do quadro ou do político importante que revelam por momentos uma rudeza que trai as suas origens, do jornalista conhecido que trai a sua incerteza numa tendência para a vertigem.

Interessam-me porém principalmente as pessoas que se sentem inconscientemente pouco à vontade, e que sofrem portanto de incerteza, insatisfação e dúvida. Por vezes têm pouca força de vontade, apesar de serem inteligentes, e «é necessária muita força de vontade para atravessar este deserto». Outras vezes terão tanta força de vontade como a maioria das pessoas, o que não chega para resolver as tensões complexas criadas pelo seu desenraizamento, pelos problemas específicos do seu ambiente familiar e pelas incertezas da época.

A medida que transitam da infância para a adolescência e para a idade adulta, esses rapazes sentem-se cada vez mais isolados da vida quotidiana do seu grupo. Começam a sentir-se diferentes logo desde crianças; e não me refiro apenas à atitude dos professores da escola primária e dos membros das suas famílias que lhes repetem constantemente «é um rapaz esperto», num tom de orgulho e admiração. Esses rapazes são simultaneamente segregados pelos próprios pais e pelo talento de que são dotados, que os obriga a separarem-se do grupo. O tom em que os pais dizem a frase «é um rapaz esperto» não é porém exclusivamente admirativo; é esperto, e tem de aproveitar-se dessa esperteza; mas o carácter é mais importante. No entanto é esperto — motivo de orgulho, e simultaneamente fatalidade; tem de trocar aquele mundo por outro diferente, por um trabalho diferente.

O rapaz condenado a «subir na vida» estará cada vez mais isolado. Terá de se opor, quase sempre inconscientemente, à ética do lar, ao gregarismo intenso do grupo familiar proletário. Uma vez que a vida se desenrola na sala de estar, não tem geralmente um quarto independente; os quartos são de resto frios e pouco confortáveis, e aquecer um desses quartos ou a sala da frente — quando ela existe — não só sairia caro, como sobretudo exigiria uma capacidade de inovação — uma infração à tradição — de que a maior parte das famílias se revolta incapaz. Estudada portanto a um canto da mesa da sala de estar. A mãe está a engomar na outra ponta da mesa, a telefonia está acesa, alguém transteia uma melodia e o pai de vez em quando diz qualquer coisa. O rapaz tem de se isolar mentalmente o melhor que pode, a fim de conseguir fazer os trabalhos de casa. No verão o problema atenua-se, pois os quartos já não estão frios e é possível trabalhar aí; a maior parte dos rapazes não se aproveita porém dessa possibilidade. Pois o rapaz (até chegar, digamos, aos últimos anos do liceu) pertence *simultaneamente* ao mundo da casa e ao da escola. Obedece aos ditames do mundo da escola, mas emocionalmente sente a necessidade de uma integração no círculo familiar.

Quando esse rapaz consegue resistir ao gregarismo da vida doméstica característico das famílias proletárias, dá o primeiro passo em direcção ao isolamento e à sua integração futura num grupo diferente. Essa resistência torna-se particularmente difícil quando o rapaz em questão pertence a uma família unida e feliz, pois são essas as mais gregárias. Começa a sentir desde muito novo a necessidade da solidão, da defesa dos seus interesses, o que pode contribuir para lhe dificultar mais tarde a integração num outro grupo.

Na escola primária começa a evidenciar-se por volta dos oito anos, a não ser talvez que a sua escola

seja uma daquelas onde todos os anos são seleccionados para frequentar o liceu umas duas dúzias de crianças. Geralmente frequente porém uma escola de uma área predominantemente proletária, que recebe muito poucas bolsas. A situação tende a mudar à medida que aumenta o número de bolsas de estudo concedidas, mas de toda a maneira as reacções dos homens são sempre mais lentas do que as decisões da administração.

Por outro lado é segregado até certo ponto dos grupos de rapazes que se juntam à noite ao pé dos candeeiros; tem trabalhos de casa para fazer. São esses porém os grupos masculinos em que se integram em crianças os homens da sua geração, e o seu afastamento desses grupos tem uma outra consequência emocional que se relaciona também com um outro aspecto da sua situação familiar — começa a sentir-se mais próximo das mulheres da casa do que dos homens. Isto acontece mesmo quando o pai não é daqueles que acham que os livros e a leitura são «coisas de mulheres». O rapaz passa grande parte do seu tempo no centro físico do lar, dominado pelo espírito feminino, estudando em silêncio enquanto a mãe faz o trabalho de casa — o pai volta tarde do trabalho, ou foi tomar uma bebida com os amigos. O pai e os irmãos do rapaz estão lá fora, no mundo dos homens; este fica no mundo das mulheres. Talvez que seja essa a razão por que tantos autores das classes trabalhadoras atribuem às mulheres um lugar muito especial, falando-nos dela com grande ternura nas suas recordações de infância. De vez em quando surgem pequenos conflitos — a mãe pode achar que o rapaz «está a tornar-se importante», porque este se recusa a interromper o seu trabalho para executar uma das múltiplas tarefas que é costume pedir-se aos rapazes. As relações entre este e as mulheres da casa são no entanto boas, de uma maneira geral, processando-se num ambiente de grande ternura e intimidade. O rapaz ouve vagamente as conversas

das mulheres, que falam das suas preocupações, doenças e esperanças, e de vez em quando fala-lhes do que acontece na escola, do seu trabalho e do que o professor disse. Escutam-no com simpatia, mas não o compreendem; e apesar de perceber que o não compreendem, o rapaz continua a falar-lhes da sua vida escolar, pois gostaria de estabelecer uma relação entre os dois meios dispares em que vive.

A minha descrição é talvez excessivamente simplificada, ou insiste talvez demasiado na quebra com o ambiente familiar; é claro que nem todos os casos individuais se assemelham. Se insisto no isolamento que caracteriza a sua situação, é porque a minha descrição se aplica à maioria dos casos. Esses rapazes vivem em dois mundos diferentes, o mundo da escola e o da casa, entre os quais existem muito poucos pontos de contacto. Depois de entrar no liceu têm de aprender a falar de duas maneiras diferentes, a assumir duas personalidades diferentes (nos casos extremos), a reconhecer a existência de duas séries de valores diferentes. Citemos o exemplo das leituras: em casa o bolsheiro vê e lê com regularidade revistas de que nunca lhe falam na escola, que não parecem pertencer ao mundo em que penetrou por intermédio desta; na escola ouve falar de livros, lê livros de que nunca lhe falam em casa. Quando traz esses livros para casa, estes destoam das leituras do resto da família, pois em casa geralmente nem sequer há livros; os seus livros são utensílios estranhos.

Hoje em dia esse rapaz talvez não chegue a ser vítima de um certo número de dificuldades imediatas que se lhe punham antigamente no novo meio em que era introduzido: o estigma das roupas baratas, da impossibilidade de participar nas viagens da escola, do aspecto diferente e nitidamente proletário dos pais, quando estes compareciam à festa do fim de ano da escola. É natural que o nosso rapaz experiente no liceu uma certa ansiedade por se tornar

bem visto e aceite, ou até mesmo por se evidenciar como na escola primária. Compreende que a inteligência foi a moeda com que comprou o caminho que seguirá, e a inteligência afigura-se-lhe cada vez mais como o valor mais importante. Tem tendência para venerar os professores, caixeiros deste novo mundo onde a moeda é a inteligência. Em casa tem o pai, mas o pai não tem lugar no mundo da escola; adopta pois o professor director de turma como o seu «pai» da escola.

A família pode não fazer pressão sobre ele, mas o rapaz aprende por si a «furar». Começa a conceber a vida como uma espécie de corrida de obstáculos da qual tem de sair vitorioso para obter as sucessivas bolsas de estudo de que necessita, e aprende métodos de manipulação da nova moeda com que agora tem de lidar. Tem tendência para atribuir aos exames uma importância exagerada e para amontoar os conhecimentos e as opiniões preconcebidas. Inventa uma técnica de aprendizagem aparente, de aquisição de factos, e não de tratamento e utilização desses factos. Recebe uma educação puramente literária, que compromete apenas uma pequena parte da sua personalidade e na qual investe uma área limitada do seu ser. Começa a ver a vida como uma escada, um exame permanente, cada degrau que vai subindo recebe algum louvor e algumas exortações para continuar a subida. Torna-se num especialista do «empinango» e da «desbobinagem»; pode ter maior ou menor competência, mas falta-lhe geralmente o entusiasmo genuíno pelo conhecimento. Raramente apreende a realidade do conhecimento, dos pensamentos e das invenções dos outros homens; raramente descobre sózinho um autor que o entusiasme. Nesta fase da sua vida só reage a tudo o que esteja directamente relacionado com o sistema de treino a que está submetido. É como um cavalo com vendas; por vezes é treinado por pessoas que foram já vítimas do mesmo sistema, que continuam vendadas, e que o

louravam na medida em que ele aceita as vendas sem se revoltar. A sua attitude radica num realismo forte e prosaico, mas é essa a única forma de iniciativa que manifesta; é geralmente desprovido de todas as outras formas de iniciativa intelectual — a curiosidade intelectual, o entusiasmo por ideias novas, a rejeição de certas formas de conhecimento, que oficialmente são consideradas tão importantes como as outras — e de resto a educação que recebe não é de molde a encorajar o espirito de iniciativa. O problema não é de agora, e Herbert Spencer referiu-se-lhe já há cinquenta anos atrás; mas continua a existir:

«Os sistemas de educação vigentes, sejam quais forem as matérias que ensinam, pecam todos pelos mesmos vícios de forma. Encorajam a *receptividade submissa* e não a *actividade independente*.»

A educação não tenta impelir à acção, desenvolver a vontade e a decisão; dirige-se exclusivamente à inteligência, que permitiu ao nosso rapaz aceder à escolaridade. Aquelle que alcança melhores resultados escolares é muitas vezes o que aceita as exigências do seu novo meio com uma passividade conscienciosa, perdendo a espontaneidade para se tornar num bom «passador de exames». É incapaz de se afirmar contra alguma coisa ou contra alguém; adquire as qualidades de um bom empregado de escritório, consciencioso, competente e desprovido de imaginação. Foi treinado no «medo a toda a autoridade que deve ser obedecida». Hazlitt formulou no principio do século XIX a seguinte critica geral e apaixonada a certas tendências da sociedade em que vivia, critica essa que ainda é relevante nas actuais circunstâncias:

«Os homens não são aquilo que naturalmente deviam ser, mas sim aquilo em que a sociedade os torna. Os sentimentos generosos e as propensões elevadas da alma são por assim dizer comprimidos, destruidos, amputados, para nos tornar aptos a viver no mundo, da mesma maneira que os pedintes mutilam os filhos para os adaptar à sua futura situação na vida.»

O nosso bolsheiro perdeu assim parte da vitalidade e da resistência que caracterizam os seus primos que continuaram a viver na rua. Numa geração anterior, e na sua qualidade de um dos individuos mais bem dotados das classes trabalhadoras, teria provavelmente desenvolvido a intelligencia na selva dos bairros da lata, onde esta só vingava quando aliada a energia e à iniciativa. Nos tempos actuais as coisas passaram-se de maneira diferente: ele anda menos na rua do que os outros rapazes; não vende jornais para ganhar uns coppers, como o fazem os outros da sua idade; a sua maturidade sexual é mais tardia. Perde parte da energia e da despreocupação do garoto da rua, da sua prontidão em aproveitar as occasões, do seu atrevimento e ousadia, adquirindo por outro lado a confiança em si que caracteriza a criança da classe média. Foi treinado para ganhar bolsas, como um cavalo de circo.

Em consequência de tudo o que acabo de referir, quando acaba a sua corrida as bolsas, quando tem finalmente de acomodar-se a um mundo de coisas tangíveis e inflexíveis e de seres humanos complexos e desconcertantes, não tem uma personalidade sufficientemente definida para se impor. O seu treino de «passador de exames» de pouco ou nada lhe serve agora. Tem dificuldade em orientar-se num mundo onde já não há um professor a quem é necessário agradar, um rebuçado no fim de cada etapa, um diploma, um lugar certo no degrau de cima. Sente-se infeliz numa sociedade imensa e confusa, illimitada, desordenada, sem aquecimento central, na qual não são nem os mais trabalhadores, nem os mais esportos, que recebem os rebuçados; na qual factores imponderáveis como a «personalidade», a «sorte», a «sociabilidade», a «ousadia», pesam muito na balança.

Sofre tanto mais, quanto o treino que recebeu o leva a attribuir uma importância exagerada ao êxito publico. Este mundo em que vive agora também attribui grande importância ao êxito, mas não distribui as

recompensas de acordo com as normas que até aí o tinham orientado para as alcançar. Se se importasse menos com o êxito, se conseguisse negar a importância deste tal como a escala de valores do mundo o define, seria mais feliz. Os valores do mundo são porém muito semelhantes aos da escola; e só os poderia portanto rejeitar caso conseguisse evadir-se da prisão interior em que as regras do êxito escolar o encerraram.

Não está disposto a aceitar o critério do mundo — subir a todo o custo (se bem que tenha uma noção muito exacta da importância do dinheiro). Foi treinado para a corrida de obstáculos; sonha portanto com o êxito, mas com um êxito diferente, que não sabe qual seja. Não é capaz de aceitar os valores do mundo, mas também não é capaz de os criticar com firmeza.

Afastou-se das suas «origens humildes», e está talvez destinado a delas se afastar ainda mais; tem consciência de que «foi longe», e teme a vergonha de um retrocesso. Isso contribui para que se atormente ainda mais. O tipo de emprego que obtém contribui por vezes para reforçar ainda mais essa sensação de que continua a subir na escada da vida; por um lado sente-se inseguro, mas por outro tem orgulho nisso, e é incapaz, dado o seu condicionamento, de abandonar a corrida.

«Pálido, mal arranjado, muito nervoso, acolhe as suas sucessivas promoções na companhia de seguros onde trabalha com o ar de alguém que vai ser despedido... O facto de ser inteligente obrigara-o logo na escola primária a trabalhar mais do que os outros. À noite ouvia ainda o coro malicioso dos seus colegas, acusando-o de ser o favorito do professor... A inteligência, como fogo ardente, tinha queimado o mundo à sua volta, e através das areias desse deserto: via por vezes a miragem da multidão dos estúpidos, que não eram obrigados a pensar, que podiam brincar, rir e gozar da ternura, da compaixão, do calor do amor.»

Esta passagem dramatiza uma situação em que se encontra muita gente, se bem que nem todos a vivem de forma tão intensa. Encontram-se também em situação semelhante os membros de um grupo mais lato, que passo agora a considerar, o de todos aqueles que põem em dúvida a sociedade em que vivem, e que por isso se encontram «entre dois mundos, um mundo morto e outro que não consegue nascer», se bem que não tenham nunca frequentado o liceu. São «as caras diferentes nos lugares públicos» das classes trabalhadoras; são os «sargentos meditados» de Koestler; são aqueles — alguns daqueles — que fazem o possível por aprender alguma coisa sózinhos. Podem trabalhar em ofícios muito diferentes, executar trabalhos manuais ou dedicar-se ao ensino; mas diz-me a minha experiência que a maior parte deles se encontram entre os pequenos empregados de escritório ou professores primários das grandes cidades. O seu autodidactismo é por vezes o fruto do desejo de se tornarem semelhantes aos membros da classe média; essa atitude não equivale porém a uma tração política, tratando-se antes de um idealismo desencarnado.

Este tipo de pessoa, e vimos já que foi essa a principal perda que sofreu, não se integra já em nenhuma classe, nem sequer nos chamados «meios intelectuais». Não é capaz de olhar de frente os membros da sua classe de origem, o proletariado, pois uma vez que os laços instituídos se dissolveram, esse convívio exigiria dele um equilíbrio que não possui. Por vezes tem vergonha das suas origens; habituou-se a desdenhar dos modos das classes trabalhadoras, a sentir-se «superior» aos membros das mesmas. Por vezes também não está muito satisfeito com a sua própria aparência física, que trai as suas origens; sente-se inseguro ou humilhado quando se dá conta de que o seu aspecto exterior, a sua maneira de falar, os seus próprios gestos o «traem» a todo o momento. Tem tendência para des-

carregar as suas frustrações sobre a classe de que é originário; forja uma armadura de atitudes de defesa. Por vezes proclama com orgulho pouco convincente a sua falta de jeito para trabalhos de mãos — os «intelectuais não têm jeito para trabalhos manuais». No fundo sabe que não possui as capacidades compensatorias de que se gaba — não está de maneira nenhuma apto a manejar o conhecimento intelectual. Tenta ler todos os livros bons, mas não consegue adquirir a capacidade de expressão e de manejo da realidade por que anseia. Maneja os livros com tão pouco jeito como manejava os utensílios do artesanato.

Não pode voltar atrás; uma parte do seu ser recusa-se a regressar a uma vida doméstica limitada, se bem que outra parte dele anseie pelo sentido de integração no grupo que perdeu, «anseia por um Eden perdido que nunca conheceu». A nostalgia é tanto mais forte e tanto mais ambígua quanto ele está na realidade «à procura do seu próprio ser obscuro, tendo simultaneamente encontrá-lo». Por um lado quer voltar atrás, por outro sente que ultrapassou já a sua classe, que compreende melhor do que os membros dessa classe a sua própria situação e a deles, o que lhe interdita os prazeres simples do seu pai e da sua mãe. Tem de resto tendência a dramatizar esse aspecto.

Quando tenta ser «compincha» com outros membros das classes trabalhadoras, mostrar-lhes que é um deles, estes «topam-no à léguas». Estão menos à vontade com ele do que com pessoas de outras classes. Em relação a estas podem adoptar um tipo de relação bem definido, quer respeitando-a, quer considerando-a de modo irónico; sabem qual é o seu lugar. Mas em relação a ex-membros da classe trabalhadora detectam imediatamente a insegurança das atitudes dos mesmos, compreendendo que não pertencem nem às classes trabalhadoras, nem tão pouco a nenhum dos outros grupos com quem estão habituados a manter certo tipo de relação hierárquica formal; o ex-membro das

classes trabalhadoras está sempre fora do sistema de classes.

Deixou a sua classe, pelo menos em espírito, tornando-se diferente dos outros membros dela em muitas coisas; continua porém diferente dos membros das outras classes, demasiado tenso e inseguro. As classes trabalhadoras e as classes médias são capazes de rir das mesmas coisas, mas o nosso homem nunca ri — quando muito, sorri de canto. Sente-se geralmente pouco à vontade com a classe média, pois uma parte do seu ser recusa a integração na classe média: desconfia dela, despreza-a por vezes. Nesse ponto, como em tantos outros, está numa posição falsa. Com uma parte do seu ser admira muitas das características dos membros da classe média: o à vontade intelectual, a largueza de vistas, o estilo. Gostava de se tornar num cidadão desse mundo de pessoas bem-educadas, prósperas, seguras, que discutem os livros e as ideias, o mundo dos membros das classes médias bem instalados na vida e inteligentes, que avista por vezes por detrás das portas ou que visita mesmo, sentindo-se porém sempre pouco à vontade no meio dessas pessoas, consciente de que tem as unhas sujas. Com uma outra parte do seu ser é hostil a esse mundo; despreza esses convencidos, com as suas preocupações mundanas, os seus jantares inteligentes, os filhos que frequentam Oxford e as pretensões culturais do estilo Mrs. Miniver ou Mrs. Ramsey. Está sempre pronto a detectar o pretensiosismo ou o irrealismo dessas pessoas, o que lhe permite dizer que não sabem o que é a vida. Hesita entre a inveja e o desprezo. É o Charles Tansley do livro de Virginia Woolf *To the Lighthouse*, mas não tem geralmente a inteligência desse personagem. Virginia Woolf descreve-no-lo de resto de um ponto de vista limitado, o do espectador culto da classe média: «...um trabalhador auto-didacta, e todos sabemos como podem ser desagradáveis, egoístas, insistentes, rudes, tentando tornar-se notados, enfim, enjoadivos.» Ou ainda:

«Lembra-me sempre um rapaz de escola, dotado de grandes possibilidades e capacidades, mas tão exclusivamente absorvido em si mesmo e tão egoísta, que perde a cabeça, torna-se extravagante, mal-educado, incomodativo, sentindo-se no fundo pouco à-vontade, de tal maneira que as pessoas boas têm pena dele e as pessoas severas se aborrecem simplesmente: todos esperam que aquilo lhe passe com a idade.»

Não tem as compensações do artefício; não tem também geralmente as consolações da religião, com o sentido de integração numa comunidade e o reconhecimento de regras morais que a aderência a uma crença religiosa implicam. Não tem a personalidade forte do homem ávido de lucro — o merceseiro oportunista, o empresário comercial ou o caixeiro viajante desembaragado. Tem a ânsia de se cultivar, mas não a energia ou a avidez de conhecimentos do seu tio de há quarenta anos atrás, de um Mr. Lewishams, que se matava a estudar na Politécnica e lia Shaw e Wells. A sua busca de conhecimento e de cultura é feita sem ousadia; lê os primeiros livros de Aldous Huxley, ou talvez Kafka. É um homem solitário e triste; tem dificuldades em estabelecer contactos até com os outros da sua condição: «Cada um deles clama, com voz fraca por cima da vastidão das águas frias». Sente-se encurralado porque, em última análise, tem medo de encontrar aquilo que procura; a educação que recebeu e a vida que levou fazem com que tema a decisão e o compromisso. Podemos dizer dele o que Toyneebe afirmou em relação ao «génio criador»:

«Colocar-se-á num comprimido de onda diferente do seu campo de acção, e ao perder a capacidade de agir perde também a vontade de viver.»

Mas não é um «génio criador». É suficientemente inteligente para ultrapassar intelectualmente os da sua classe, mas não está emocional ou mentalmente equipado para resolver os problemas que daí derivam.

Nem sequer tem a «consolação da filosofia», ou a possibilidade de compreender a situação em que se encontra e o conforto que daí poderia derivar. Mesmo quando consegue adquirir um certo grau de cultura, não é capaz de ser culto com naturalidade, com a naturalidade daqueles que se não tiveram de esforçar para a adquirir, que não sofreram como ele o longo processo de exploração da inteligência:

«Você recebeu do céu aquilo que as pessoas vulgares não têm: talento... e o seu talento isola-o das outras pessoas... Só tem um defeito. A sua posição falsa, a sua tristeza e a sua prisão de ventre a ele se devem. Esse defeito é a sua extraordinária falta de educação. Desculpe, mas *veritas magis amicitiae*... Sabe, a vida tem as suas convenções. Para que uma pessoa se possa sentir à vontade entre gente inteligente, para que aí se não sinta como um estranho e completamente inibido, tem de ter um mínimo de educação... O talento introduziu-o nesse meio, é esse o meio a que verdadeiramente pertence, mas... por outro lado apetece-lhe fugir, hesitando entre as pessoas cultas e os seus companheiros de pensão, do outro lado da rua.»

Se bem que não pertença à «minoria criadora», também não pode ser identificado com a «maioria não-criadora»; faz parte de uma minoria não-criadora mas atormentada simultaneamente pela incerteza e pela ambigão. Tem grandes aspirações, mas não possui capacidades ou força de vontade para as realizar. Seria mais feliz caso conhecesse os seus limites, fosse capaz de avaliar exactamente as suas possibilidades, caso pudesse resignar-se a ser não «aquele parvo», mas sim a pessoa média que verdadeiramente é. O seu passado, a sua ética e as suas qualidades naturais dificultam-lhe no entanto a compreensão exacta da sua situação; continua pois a viver atormentado pela «discrepância entre as suas aspirações elevadas e os seus actos medíocres.»

B. O PAPEL DA CULTURA. A NOSTALGIA DOS IDEAIS

«...Porque estamos todos divorciados da vida; somos todos aleijados, em maior ou menor grau.» (o empregado de escritório de *Notes from Underground* de Dostoiévski)

É evidente que os anúncios do estilo intelectual e cultural que passo a analisar neste capítulo não se dirigem apenas aos «bolseiros» como os que acabo de descrever. Dirigem-se provavelmente a todas as pessoas que, por quaisquer razões e seja qual for a sua origem, sentem a necessidade de se cultivar, e que têm esperanças de poder suprir assim às suas deficiências. Há muita gente que procura a cultura e o conhecimento intelectual sem esperar dessas aquisições mais do que aquilo que elas lhe podem dar e que consegue estabelecer uma relação de coerência entre a cultura e a vida de sociedade ou a sua própria. Referir-me-ia porém a essas pessoas no capítulo seguinte.

O âmbito das compensações intelectuais é muito lato e variado, e não será possível evitar neste capítulo a referência a pormenores relacionados com níveis culturais diferentes. As aspirações e incertezas aqui discutidas parecem porém incluir o caso particular dos vários tipos de pessoas que aqui me interessam. Na sua forma mais elementar, o tipo de anúncio que passo a analisar aproxima-se muito dos anúncios de carácter vagamente psicológico a que me referi já em capítulo anterior. No outro extremo encontramos anúncios dirigidos às pessoas que pretendem estar na vanguarda dos assuntos culturais. No meio termo temos anúncios que não parecem relacionar-se directamente com a aquisição cultural, dirigindo-se àqueles que pretendam alcançar o êxito profissional. O tom desses anúncios leva-nos porém a pensar que atrairão mais os leitores vagamente insatisfeitos do que os homens práticos e decididos:

«Trabalhavam no mesmo banco, mas Bill não se contentou com esse trabalho de rotina. E VOCÊ?»

Quer ser um fura-vidas como Bill Watson, ou um tímido como Jim Simpson? (seguem-se fotografias contrastantes de um homem novo de ar decidido e alegre e de outro de aspecto ansioso).

Bill preparou-se seguindo o sistema...

Agora é contramestre, e não vai ficar por aí.»

O exemplo que se segue é de um género mais directo:

«Os nossos leitores podem receber livros de graça. Somos a maior empresa de fornecimento de cursos por correspondência.

(Estes anúncios recorrem geralmente com prodigalidade às maiúsculas e aos sublinhados.)

VOCÊ PRECISA DO NOSSO CATALOGO! Nele encontrará uma relação de todos os nossos cursos por correspondência, técnicos, administrativos ou de chefia de pessoal. DIGA-NOS O QUE PRETENDE.»

Temos depois os anúncios de carácter directamente cultural ou intelectual, propondo maneiras de adquirir uma expressão fluente, de aprender a falar como «um indivíduo culto e dominador». «A Enciclopédia Moderna das Ideias fará de si um Mestre da Linguagem»:

«Os indivíduos que desenvolveram o dom da fala são os que melhor se sabem impor e alcançar o êxito. Quando tiver de dar a sua contribuição (o que não quer dizer que as pessoas a quem este anúncio se dirige tenham de falar frequentemente em público), fá-lo-á com fluência e decisão.»

Tudo isto por apenas cem escudos. Ou então:

«É tímido?»

Deseja aprender a falar com fluência?

Pode subir na vida, mesmo sem ter frequentado a universidade.

Alcançará a prosperidade e a consideração de todos se aprender a falar, e seja qual for o sector em que decida agir.»

Podemos incluir neste tipo os anúncios de versões elementares do *Thesaurus* de Roget, apresentadas por vezes sob uma forma gráfica que permite facilitar a aquisição dos conhecimentos propostos, à maneira dos horóscopos ou dos diagramas do tipo «o que deve fazer no seu jardim em cada uma das semanas do ano»; para obter dois ou três sinónimos para a palavra «bonito» basta rodar o diagrama de acordo com as instruções. *Diagrama Universal do Vocabulário* é apresentado nos seguintes termos:

«Transforme a sua vida... uma chave mágica que lhe dará acesso a uma existência mais cheia e mais positiva, deixando para trás a rotina da sua vida actual. VOCÊ pode persuadir... afirmar-se... dominar... com uma beleza e uma fluência novas.»

A promoção — e a fama — e a posição social a que aspira podem tornar-se HOJE MESMO realidade.

Vai ficar espantado com a facilidade e os resultados rápidos do nosso método.

O SEGREDO DE UMA REDACÇÃO E DE UMA ELOCUÇÃO IMPECÁVEIS ESTÁ NAS SUAS MÃOS.»

Para os que aspiram a uma cultura mais geral ou até mesmo ao estatuto de artista, são anunciados muitos métodos de aprender a escrever. «VOCÊ tem jeito para escrever? Acha-se com qualidades para ser escritor? Então — envie-nos este impresso»:

«Os seus amigos costumam dizer-lhe: «Devias escrever um romance» quando lhes conta uma anedota?

Há muitas pessoas com jeito para escrever que nunca aprendem a servir-se do seu talento, renunciando assim à fama e à fortuna a que teriam direito.»

Temos ainda os guias de algarbeira para todos os aspectos da cultura:

«Música — Arte — Literatura.

Propomos-lhe uma descrição completíssima de todas as perspectivas da Cultura.

APROVEITE ESTA OCASIÃO ÚNICA

Muitas pessoas célebres se servem desta obra utilíssima!

Segue-se a todos os exemplos uma descrição clara e completa das características artísticas do mesmo. Com este livro passará a compreender todas as grandes obras-primas do mundo.

Com a ajuda deste livro poderá fazer comentários inteligentes e esclarecedores sempre que a conversa incida sobre TEMAS CULTURAIS.»

A obra em três volumes custa à volta de trezentos escudos, e é acompanhada de um brinde que consiste num exemplar gratuito de um livro intitulado «Guia da expressão correcta e da metáfora feliz... indispensável para todos os que desejem adquirir uma linguagem fluente e apaixonante.»

Reparando ocasionalmente num anúncio deste tipo, podemos pensar que afecta uma percentagem mínima da população. Se começarmos porém a procurar os anúncios desse tipo, constatarmos que são muito frequentes, pois cada número das mais variadas revistas insere três ou quatro, alguns deles ocupando uma página inteira; teremos então de concluir que se dirigem a um público mais vasto do que o supusemos à primeira vista. A página publicitária de um semanário de «qualidade» da semana em que estou a escrever consta de onze anúncios. Três deles não são significativos; dois relacionam-se com o tipo que nos interessa (um método de aprendizagem de uma língua estrangeira através de livros de frases, e um anúncio inserido por um departamento oficial, em que se diz haver falta de um certo tipo de professor especializado); os outros seis são do tipo que descrevo neste capítulo — um método de ensino por correspondência que afirma poder preparar o aluno para qualquer carreira que este pretenda seguir, um método de aprendizagem de um inglês fluente, um método para aprender a ser escritor, etc. Considerando o espaço dedicado nessa página a cada um destes vários tipos de anúncios, das quatro colunas que constituem a página, uma delas é preenchida com anúncios que não nos interessam aqui, três quartos de outra coluna

com anúncios relacionados com os que aqui nos dizem respeito, e duas colunas e um quarto são dedicados ao nosso tema. Uma revista mensal de «qualidade» tem geralmente oito páginas completas de anúncios. O equivalente a duas páginas são preenchidas com anúncios do tipo que aqui nos interessa, ou seja, estes preenchem um quarto do espaço total dedicado aos anúncios — em comparação com o semanário de «qualidade», predominam na revista mensal os anúncios de métodos para aprender a falar com fluência ou a escrever como um escritor, enquanto que no semanário predominavam os anúncios de cursos técnicos ou profissionais.

Não possuo dados estatísticos que me permitam avaliar da influência exercida por esses anúncios. Devem sair caros, e não seriam publicados caso não recebessem um número de respostas interessante. Os cursos por correspondência de nível universitário são muito caros, e parecem-me menos eficientes do que o sistema de educação de adultos montado pelo Estado. Creio porém que os cursos de educação para adultos não interessam às pessoas que respondem a estes anúncios. Algumas dessas pessoas têm talvez consciência de que só com muito trabalho poderão atingir os resultados esperados. O tom dos referidos anúncios denuncia, porém, a meu ver, o carácter apenas alegórico do apelo ao estudo e à cultura. Os métodos propostos parecem destinar-se principalmente a compensar um complexo de inferioridade latente por meios quase mágicos. Os anúncios deste tipo inseridos nas revistas semanais e mensais de «qualidade» não se dirigem exclusivamente aos membros das classes trabalhadoras ou da baixa classe média, mas dirigem-se também aos membros das classes trabalhadoras e da baixa classe média, e temos razões para crer que afectam um número importante de leitores dessas classes; de resto as revistas que se dirigem mais especificamente aos membros das classes

trabalhadoras inserem também com regularidade anúncios semelhantes.

A procura de anúncios do tipo que acabo de exemplificar constitui apenas uma das expressões do desejo de acesso à cultura. Podemos considerar como uma outra expressão do mesmo fenómeno algumas das tendências que actualmente se manifestam na escolha das leituras. Refiro-me, por exemplo, à leitura de certas publicações culturais, que é inspirada por um desejo forte, mas vago e indiscriminado, de adquirir cultura, de qualquer espécie que ela seja. Creio que o interesse por publicações culturais está mais generalizado do que se pensa vulgarmente. Existe uma relação directa entre as exortações elementares à aprendizagem de uma «linguagem dinâmica» e a integração num grupo intelectual esotérico, entre o interesse obscuro e geralmente bizarro por uma qualquer panaceia para os males da humanidade (sob a forma de um sistema) e o condicionamento da opinião pública.

O extinto semanário *John O'London's Weekly* satisfazia sem dúvida uma necessidade muito acentuada, se bem que, a meu ver, não correspondesse de modo algum às exigências legítimas do seu público. Outros membros desse público orgulham-se de ler J. B. Priestley e outros autores como ele, que consideram como «escritores sérios, com uma mensagem». Outros ainda ouviram já dizer que Priestley não passa de um autor mediocre, não osando portanto confessar que gostam dos seus livros. Lêem então um tipo de literatura amargamente irónica ou angustiada — Waugh, Huxley, Kafka e Greene. Compram a selecção Penguin das obras de Eliot e outros livros das colecções Penguin e Pelican; antigamente assinavam o *Penguin New Writing* e agora assinam o *Encounter*. Sabem umas coisas de Frazer e Marx, geralmente aprendidas em críticas ou artigos curtos; possuem talvez um exemplar da edição Pelican da *Psicopatologia da vida quotidiana* de Freud. Ouvem por vezes no Terceiro Pro-

grama conferências sobre temas do género «O culto do mal na literatura contemporânea».

Alguns têm uma entrada precária em círculos pseudo-intelectuais. Nessa altura são adeptos da «liberdade» e do «anti-autoritarismo»; ouviram já falar do Conselho Nacional para as Liberdades Cívicas e têm o *New Statesman and Nation*. Conhecem os argumentos anti-Mummings a favor da arte moderna, e de modo particular de Picasso. Conhecem igualmente os argumentos referentes ao efeito pernicioso da imprensa de massas e da publicidade corruptora. Comprazem-se mesmo nesse tipo de análise, prazer que se aproxima de um milímetro masoquista. Sentir-se-ão no entanto inexplicavelmente desconcentrados perante uma opposição «reaccionária», que equivale a uma contrapartida exterior a problemas que ainda não resolveram no seu íntimo. Continuam a apreciar, se bem que deles se envergonhem, certos prazeres que consideram no entanto indignos de gente culta. Sentem que partilham até certo ponto da angústia dos intelectuais; mas a sua angústia é no fundo de ordem diferente. De qualquer maneira os prazeres dos intelectuais inspiram-lhes sempre um respeito exagerado.

Alguns conseguem adquirir um verniz de cultura, emitindo opiniões que equivalem a uma forma um pouco mais intelectual da «fragmentação». Experimentam assim o prazer de «ter ideias», se bem que estas sejam geralmente as de outros, emitindo opiniões sobre todos os assuntos — a bomba H, o problema da mulher, a arte moderna, a agricultura em Inglaterra, a pena de morte ou o «problema populacional». O tipo de educação que receberam tornou-os aptos a assimilarem, mas não a absorverem todo o tipo de ideias, adquirindo assim opiniões em segunda, terceira ou quarta mão sobre todos os problemas em voga. Sabemos que esse tipo de atitude pode degenerar na promiscuidade mental; e a situação daqueles que amesiam por este género de conhecimento, não dispendo porém, dada a instrução deficiente que lhes foi ministrada,

da capacidade de manejo das ideias ou de uma imaginação verdadeiramente criadora, é muito desfavorável. Apanham no ar meia-dúzia de ideias que digerem mal, mas continuam a sentir-se perdidos. Têm mais facilidade em ler as críticas do que os livros criticados, e acabam por se contentar com esse substituto insuficiente. Vagueiam no mundo denso, inesperto e fugidio das ideias como crianças que tivessem entrado pela primeira vez no comboio fantasma da feira popular — ansiosos por verem e compreenderem tudo, pretendendo divertir-se a todo o custo e no fundo cheios de medo, mas recusando-se a sair.

Perderam um determinado género de vida, mas não conseguiram integrar-se no género de vida diferente a que aspiram. Perderam mais do que aquilo que ganharam. As casas daqueles que conseguiram atingir um certo equilíbrio aparente são muito reveladoras da amplitude da situação em que se encontraram os seus moradores: perderam geralmente o aconchego que caracterizava as casas de seus pais, apesar do mau gosto da ornamentação das mesmas; mas não querem ser «pirosas». O resultado é que essas casas são sempre mobiladas de acordo com determinados modelos; a decoração obedece à preocupação que os moradores da casa têm de se apresentarem como *personae gratae* do ponto de vista cultural, evitando o mau-gosto das classes trabalhadoras ou o estilo «aconchegado» das classes médias; são casas feitas para a não para viver. Os seus donos cometeram um erro que criticavam na burguesia e nos membros respeitáveis das classes trabalhadoras, que põem o estampado das cortinas e os objectos decorativos virados para a rua. Essas casas imitam as de milhares de outras pessoas com pretensões culturais que mobilaram as suas casas no mesmo período, apresentando portanto um aspecto anónimo e público, como o de mobílias em série que não foram ainda personalizadas por outros pormenores da decoração. São casas planeadas para a vista do vizinho, para não ficarem culturalmente atrás dos

Koestlers. Apresentam poucos toques pessoais, poucos ou nenhuns sinais de uma escolha feita de acordo com o verdadeiro gosto de quem as habita, uma arrumação meticulosa e pouco saudável. Não há nenhum objecto de mau gosto, a não ser que o mau gosto esteja na moda. Não há objectos que tenham sido escolhidos porque agradassem de modo muito especial a algum dos moradores da casa, como agradava à sua própria tia a jarra horrível que recebira de prenda de Natal e que a levava a exclamar com espontaneidade «É mesmo linda!». São casas que nos não dizem nada, porque não têm vida, casas reveladoras da incerteza e da ansiedade dos seus moradores.

O que acabo de dizer não passa de uma descrição selectiva de uma situação que afecta apenas uma minoria, mas que pode servir para exemplificar outros aspectos mais gerais das teses defendidas nesta obra. Uma vez que muitos dos pormenores dessa descrição — no que se refere às leituras e a outros hábitos — foram extrahidos da minha experiência pessoal, tenho consciência de que hesitei entre o desejo de definir a minha própria loucura e o de a justificar. Talvez que aquele tenha no entanto predominado. Por essa razão a minha análise pode parecer por vezes demasiado dura, ou ser-me atribuída a intenção de ridicularizar ou acusar de desonestidade as pessoas que crevo:

«Conhecia o benero tão bme — as aspirações, a desonestidade mental, a familiaridade com as capas dos livros.»

A frase que acabo de citar contém uma parte de verdade, mas é por outro lado demasiado dura, demasiado intransigente; poderíamos antes dizer dessas pessoas «são patéticas», se esse modo de se lhes referir não constituisse da nossa parte uma attitude paternalista. É certo que pessoas como as que tentel descrever se levam a si mesmas muito a sério, que a sua ânsia de cultura é por vezes exagerada e desprovida de

humor — mas não tão ridícula como o quereriam fazer parecer os jornalistas da imprensa de massas quando trocam das tentativas de auto-didactismo cultural. A attitude das pessoas em questão é digna de respeito: numa época em que a tendência geral é a de uma ignorância arrogante, essa attitude reflecte um amor idealista pelas «coisas do espirito». Até as expressões mais infelizes da attitude em causa reflectem o idealismo, ou antes a nostalgia de ideais daqueles que a professam. Essas pessoas têm tendência a exagerar o valor da cultura, é certo, até porque esta para elles constitui o substituto de uma religião à qual não podem aderir com a intelligência. A religião tornou-se suspeita; a «classe» e o dinheiro tornaram-se igualmente suspeitos. A cultura passou pois a ser o critério dos espiritos desinteressados, da intelligência e da imaginação, que conferem a liberdade e o equilibrio. As formas mais estranhas que a tentativa da aquisição de cultura pode assumir são também ellas inspiradas pelo desejo de adquirir, juntamente com essa cultura, a liberdade, o auto-dominio do homem «verdadeiramente culto». É claro que se trata de uma ilusão, pois não se pode pedir à cultura mais do que aquilo que ella pode dar; mas é uma ilusão respeitável.

Estas pessoas, tal como muitas outras que conseguem disfarçar melhor as suas incertezas, são um fruto da época em que vivem. É fácil recorrer à desculpa dessa «estranha doença da vida moderna», frase que tem de resto mais de cem annos: as pessoas a que me refiro são porém até certo ponto os «estrangeiros» de Matthew Arnold, vivendo cem annos mais tarde e num clima ainda mais rigoroso:

«Em todas as classes nasce porém um certo número de pessoas que se interessam pelo espirito, que têm o dom de ver as coisas como ellas são, que se libertaram das máquias para se interessarem apenas pela razão e pela vontade de Deus, e que fazem o possível para que estas prevaleçam; que procuram a per-

feição neste mundo... e esse dom faz com que essas pessoas tenham tendência para se afastarem da sua classe, evidenciando-se por uma característica própria... a sua *humanidade*. Sofrem geralmente muito na vida.»

Esses inspirados de Arnold não são muito convicentes; a passagem que acabámos de citar encerra porém uma verdade importante, que ainda hoje se mantém como tal. Alguns dos «estrangeiros» do nosso século filiaram-se na década de trinta no partido comunista, na liga dos pacifistas ou noutros movimentos do mesmo género. Propunham-se objectivos bem definidos, ao contrário do que acontece em relação aos seus congéneres da década de cinquenta, mas estes continuaram a ser inspirados por sentimentos semelhantes. Querem «fazer alguma coisa para melhorar o mundo», mas sentem-se frustrados — pela magnitude e complexidade dos problemas que adivinharam, pela sensação de que, sendo embora cidadãos democráticos conscientes com opinião sobre os mais variados problemas, no fundo nada podem fazer para contribuir eficazmente para a resolução dos mesmos. «Não tinha outra estreita além da sua própria alma», diz-nos Hardy de Judas o Obscuro; a luz da alma no Judas dos nossos dias é porém uma luz fraca e insegura, insegura porque esses homens duvidam da sua própria capacidade de tomar decisões firmes. A sua insegurança deve-se à multidão de vozes contraditórias que os assediava, vozes todas elas bem-informadas, seguras e persuasivas; vozes que dizem «Sim, mas depende...», ou «Isto é o que nos diz a estatística, mas não nos podemos guiar pela estatística...», ou ainda «Essa linguagem é motivada». Sentem-se intimidados pela dificuldade extrema que há hoje em tomar decisões morais, em decidir qual será a acção boa e justa a adoptar. Pior ainda, têm medo de que esses problemas essenciais que continuam a pôr a si mesmos (o que é o bem? o que é a verdade?) tenham perdido todo o significado. As névoas da relatividade absoluta estão

em vias de encobrir os últimos marcos visíveis: continua a haver princípios e pessoas que agem de acordo com eles? Ou essas pessoas apenas *parecem* agir de acordo com princípios? Estão de facto a querer enganar-nos? Ou a enganarem-se a si mesmos? Ou estão muito simplesmente a precisar de um tónico? «Os melhores sofrem de falta de convicção»; e estaríamos face a uma tragédia dos bem-intencionados, se a natureza da situação não lhes proibisse as atitudes trágicas — que de qualquer maneira pareceriam suspeitas aos próprios actores — e não lhes retirasse a própria força trágica. As vítimas desta situação habitam geralmente regiões em que «tudo permanece abaixo do nível da tragédia, a não ser o egoísmo feroz do que sofre.»

Resta-lhes apenas uma honestidade fatal e a impossibilidade de assumir para consigo mesmos uma distanciación irónica que os salvaria. Essa honestidade é inegável, se bem que assumida geralmente a forma da incerteza do rapaz que se encontra no meio de descobertos. É uma honestidade indecisa: não crê no entusiasmo, mas por outro lado lamenta que assim seja. A timidez oculta por vezes uma coragem moral inegável. Se a escondem, é porque sabem que, caso a exprimam, se arriscam a ser ridicularizados. A procura de uma certeza e a frustração que sofrem nessa procura pode inibi-los emocionalmente para o resto da vida. Outras vezes disfarçam essa ânsia de verdade por detrás de um cinismo aparente, que se relaciona com uma das atitudes características de muitos membros das classes trabalhadoras, se bem que com ela se não possa identificar, pois as suas raízes são muito mais fundas. Esse cinismo é reforçado por uma carga de conhecimentos mal assimilados. Caso tivessem absorvido esses conhecimentos, o efeito dos mesmos não poderia ter sido tão debilitante. Assimilaram porém um mínimo de noções de antropologia, sociologia e psicologia social que lhes permite assumir relativamente a todos os problemas uma atitude

destrutiva. A pergunta dessa atitude de negação generalizada deixou de ser «E os russos?» para se tornar em «E os polinésios?» Adoptaram o jogo da destruição, mas não têm a ousadia de outros destruidores intelectualmente mais confiantes: sentem-se pois deprimidos pela suspeita constante de que tudo e todos foram desmascarados. São os pobres rapazinhos ricos de um mundo pletórico de informação solta e popularizada, incapazes de integrar essa informação de forma significativa. Podem no entanto sentir um certo prazer em serem um misto de Kingsley Martin e de Tiresias; e em desmascararem o mundo com Graham Greene.

Porque esse cinismo aparente é no fundo uma nostalgia da verdade, o pseudo-cínico observa com grande interesse, acompanhado de uma certa inveja, os homens que atravessam o período difícil da procura da verdade. Desconfia, por outro lado, de que estão a querer enganá-lo; esses outros homens que procuram a verdade são talvez hipócritas; de toda a maneira, o cínico sente-se ressentido por ver que para si mesmo não há qualquer hipótese de acção positiva ou afirmativa: «Há só as várias formas de inveja/todas elas tristes».

Alguns adoptam uma atitude pública do género: «Não tenho ilusões. Não pretendo enganar ninguém. Também não vou queixar-me em público». Todos eles apresentam uma característica facial que os trai — testa enrugada, sobrancelhas contraídas, olhos desconfiados; ou então apertam os lábios, para impedir que o lábio inferior descaia de tristeza. Essa boca apertada disfarça o descontentamento íntimo, sugere uma derrota suportada com estoicismo. Essa expressão trai ainda a auto-complacência e o dó por si mesmo. A interiorização da dúvida e da incerteza leva a indivíduos que se encontram nesta situação a considerarem-se a si mesmos como uma espécie de herói byroniano dissidente. O individualismo romântico pode assumir várias formas, derivadas da Renascença,

de Robinson Crusoe ou de Rousseau: esta é uma forma nova do mesmo fenómeno, que degenera porém frequentemente na absorção em si mesmo. Estes românticos insatisfeitos sentem a necessidade de partir em viagem, mas nunca o chegam a fazer, porque duvidam da utilidade dessa viagem: tornam-se então nos «descontentes» que poderiam ter sido alguma coisa».

O cinismo aparente e a complacência que os caracterizam escondem uma desorientação profunda, a sensação de que perderam os objectivos e a força de vontade. Parece-me que essas pessoas atravessam a fase mais crítica da sua vida entre os vinte e os trinta anos, período em que procuram com mais intensidade satisfações culturais e intelectuais que lhes escapam sempre. Depois dos primeiros anos de casados, mudam. Mas nos primeiros dois anos depois de casarem têm sempre um ar encurralado como se, casando, tivessem caído numa fraqueza burguesa ou, o que é ainda pior, se tivessem deixado apanhar, tratando a sua liberdade. O clima da época, tal como o interpretam, impede-os de viver o casamento sem dificuldades emocionais. Quando falo de dificuldades emocionais, não me refiro a problemas que surgem inevitavelmente nos primeiros tempos de coabitação matrimonial. Têm outros problemas, pois precisam de aprender que temos de admitir as nossas emoções mais profundas, que não as podemos negar ou experimentar contra vontade; têm de perceber que não é vergonha tentar ser um bom marido e um bom pai, que se pode ser tão verdadeiro nesse aspecto como em qualquer outro aspecto da vida.

A maior parte desses homens vivem o início da sua idade adulta com a consciência em carne viva; «Estão sentados na escuridão e à sombra da morte... encadeados na tristeza e nos ferros». Arrancaram da terra as suas raízes para as examinarem melhor; tor-

naram-se assim em desenraizados espirituais. Continuam a interrogar-se, mas sempre com medo de encontrar as respostas:

«Preferíamos ser destruídos a mudar,  
Preferíamos morrer no nosso medo  
Do que subir à Cruz do momento  
E assistir à morte das nossas ilusões.»

O idealismo oculto e a indecisão que os caracterizam impedem-nos de agir, se bem que no fundo anseiem pela verdade e pelo bem. São em muitos aspectos mesquinhos e dignos de dó; a sua busca da verdade é no entanto meritória e simpática. Muitos resistiram aos piores venenos; representam alguma coisa. E numa sociedade em que grande parte da população está em vias de ser reduzida a uma condição de receptividade passiva e obediente, de olhos fixos na televisão, nas pin-ups e nos écrans de cinema, as poucas pessoas que põem a si mesmas problemas essenciais têm grande valor. Os problemas que os atormentam dizem também respeito a todos nós, na medida em que se referem à importância das raízes, das raízes inconscientes, para todos os indivíduos; relacionam-se com certas tendências da evolução social tal qual esta se manifesta em nossos dias, tais como a tendência para a centralização e a tendência para uma certa abolição de classes; incidem ainda sobre a questão das relações entre os problemas culturais e intelectuais e as crenças que orientam a vida dos homens. Essas pessoas são os tentáculos mais sensíveis, se bem que hoje em dia magrados, da sociedade. O grande público ginora-os; os sintomas de que padecem afectam porém em certa medida a todos nós. A conclusão a que chegou há cem anos o bispo Wilson continua a ser verdadeira em nossos dias:

«O número daqueles que têm de ser despertados é muito superior ao dos que têm de ser consolados.»

#### CAPÍTULO XI

#### CONCLUSÃO

«Reflectindo na grandeza do mal em geral,  
deveria ser inventado por uma desonrosa melancolia,  
caso não tivesse a impressão profunda de  
que há no espírito humano certas qualidades indestrutíveis que lhe são inerentes.»

(WORDSWORTH)

«Diria que sem dúvida  
Chegara o fim da luta  
Mas ve a criatura não morrera.»

(EDWIN MUIR)

#### A. RESISTENCIA

Quase me não referi aos aspectos válidos da evolução cultural destes últimos cinquenta anos, insistindo, pelo contrário, nos perigos culturais inerentes a essa evolução. É óbvio que nos devemos congratular pelo facto de os membros das classes trabalhadoras estarem hoje numa situação muito melhor, gozando de melhores condições de vida, de melhor saúde, tendo acesso a um maior número de bens de consumo, a me-